



Performance Bia Medeiros. Rio Cienfest, 1995.



Plantando MAR(IA-SEM-VER)GONHA no asfalto Corpos Informáticos, 2012.



**Kombeiro** Bia Medeiros, Camila Soato, Diego Azambuja, Adauto Soares, Alla Soub, Maria Eugênia Matricardi, Márcio Mota, Fernando Aquino, Jackson Marinho, Luara Learth, Victor Valentin, Carla Rocha, Alexandra Martins e Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. 2010/2024.











**Bundalê de volta às ruas: tarifa zero!** mas que vergonha, o buzão tá mais caro que a mar( )gonha. Rodoviária do Plano Piloto, Brasília, 2013.

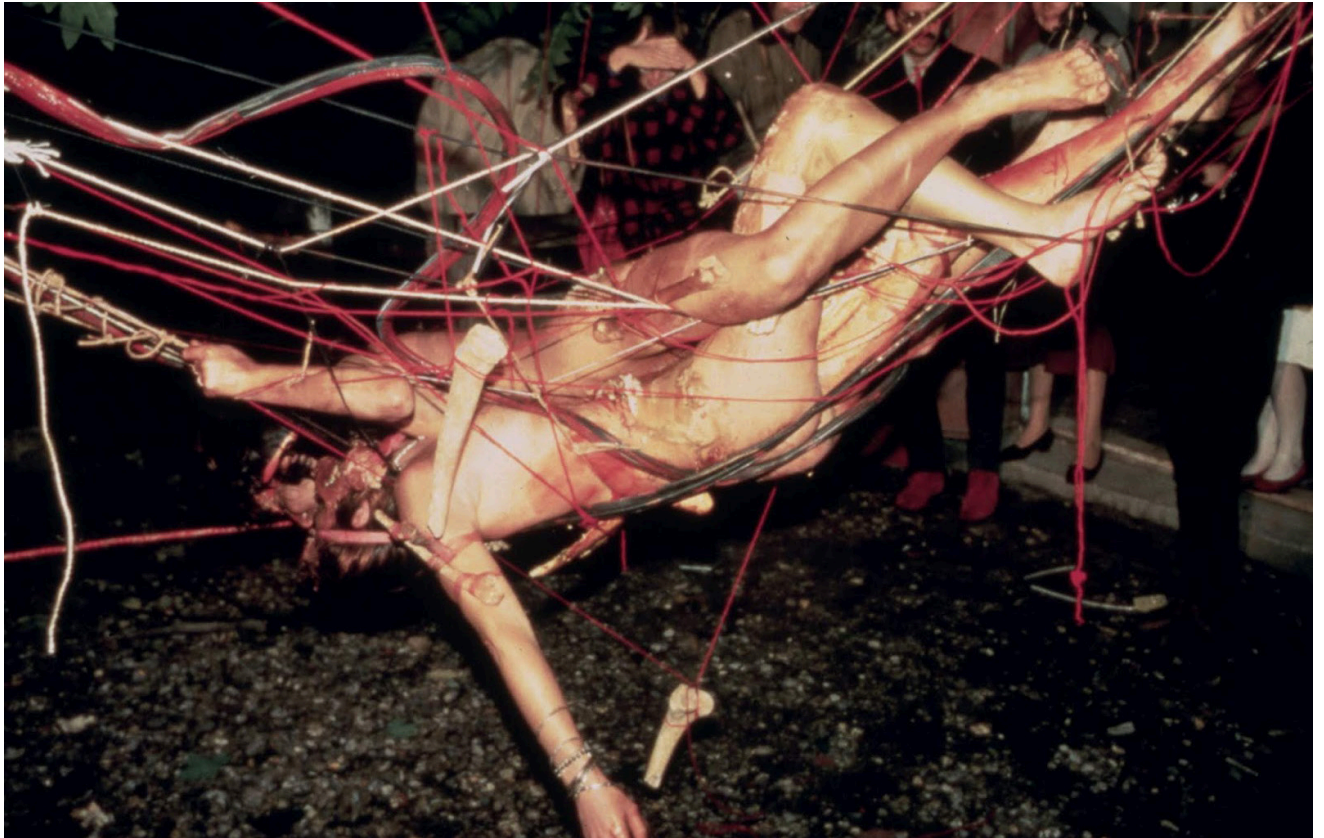




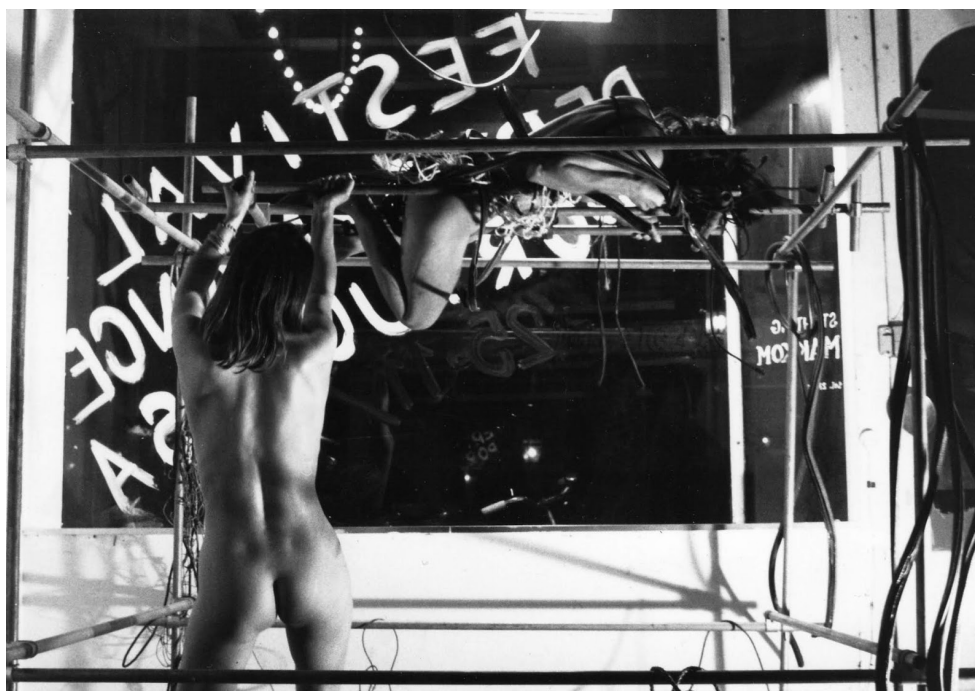




Bia Medeiros e Suzete Venturelli, 1984.

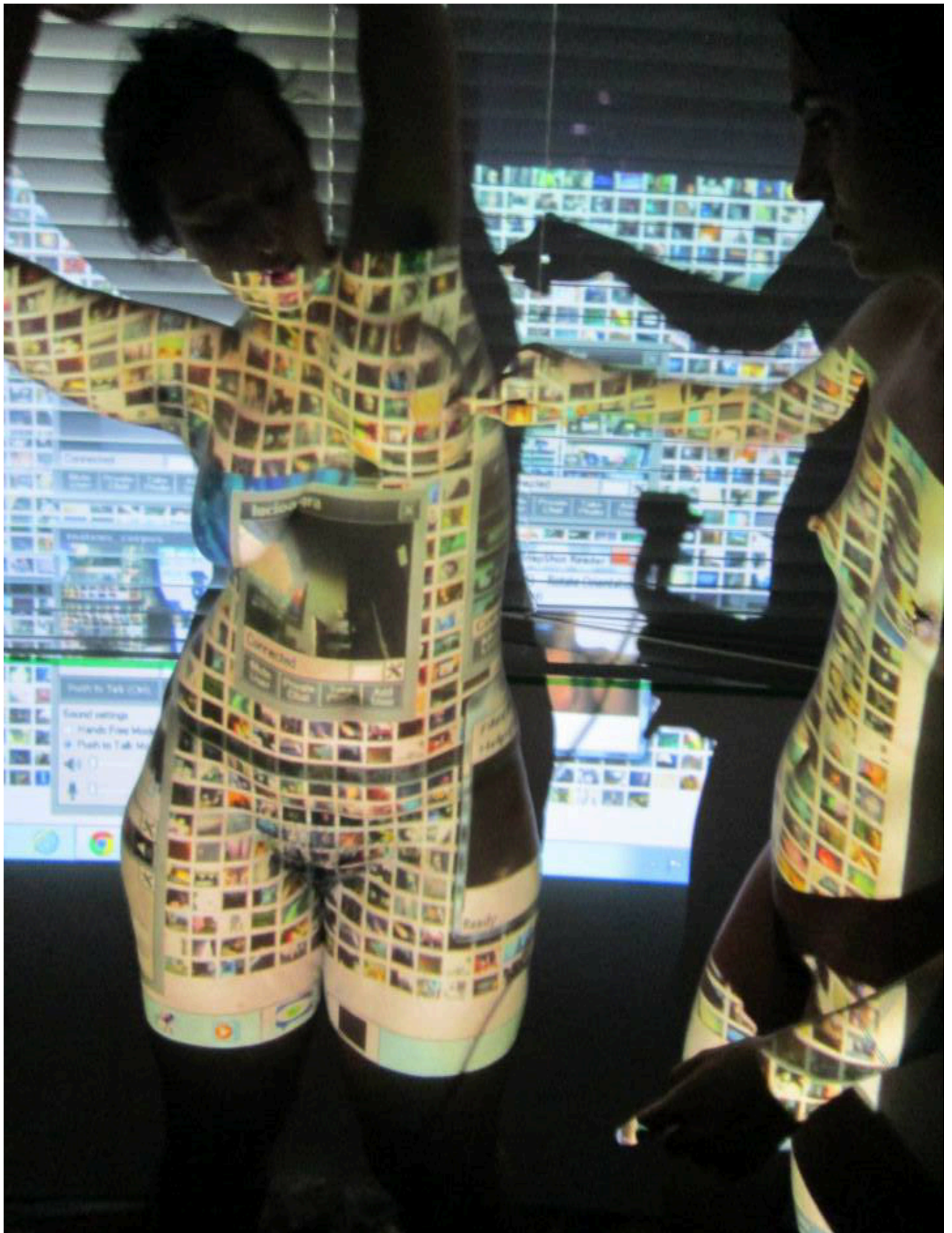


**Performance Anthropophagie.** Galerie Diagonale. Bia Medeiros e Suzete Venturrelli, 1984/1985.



**Poulet Rôti.** Paris: Galerie Jacques Roch. Bia Medeiros e Suzete Venturrelli, 1985.







Performance "Mogno e +". Espaço Piloto, UNB, 2015.











## EXISTÊNCIAS A/ANTE/ATÉ/APÓS... ARTE

*Maria Beatriz de Medeiros*

Estimulada pelo título da mesa das ex-presidentes da ANPAP, em 2022, a saber “Existências sobre/com arte”, resolvi fazer uso de um velho hábito ou uma licença poética de algo que aprendi na infância, isto é, as preposições: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre... Assim, me deixei perambular por palavras, inquietações, estímulos, ritmos, etc. e tal.

Assim:

A

À arte nos dedicamos para existir. Não direi resistir, como em voga. Direi: à arte nos dedicamos para insistir, investir, insistir em existências outras, quicá impossíveis.

Ante

Ante à vida dura, a arte existe, volve, devolve, envolve, rompe, rasga e frutas. Daí saberes, sabores e seios para amamentar uma humanidade que beira o desumano por fome, frio e abandono.

Até

Até nas intempéries – como as atuais – a arte grita sua existência sem limites. Atualmente, a censura – da arte, da língua, do sexo, a censura do desejo, dos seres e estares – tenta calar o grito que, como em ondas sonoras, não acredita em portas, janelas ou paredes, grades e manicômios. A arte grita.

Após

Após o temporal vem a bonança, dizem, mas em todos os tempos a arte existiu e existe lá e em toda parte como erva daninha insana. As ervas daninhas sobrevivem aos temporais, secas e ventos. Melhor dizendo, elas vivem, veem e alertam.

Com

Com arte existimos e muito mais: sorrimos, só rimos e rimas.

Contra

Contra governos desgovernados, machistas, xenófobos, a arte se volta, revolta, revoluções, mas sobretudo voluções, volúpias em todas as direções espaço-temporais, sensoriais, sentimentais e mentais.

De

De arte são feitas existências – não novas – mas outras. Outras existências para além da matéria, para além do visual, para além do tátil ou do oral: de corpo todo, sangue, fluidos e carnaval.

De arte, bundas, bandas, sinfonias, baterias, nudez, luxúria, ritmo, mas também pausa. Tempos diversos, muitos, às vezes alguns, mas sempre raros. “Só para os raros, só para loucos.” (Hermann Hesse)

Desde

Desde o momento em que um ser humano – ou não – se deixa vaziar pelos meandros da arte, algo se desloca, se desaloja, sai da loja, rompe hábitos. “Atenção!” No deslocamento há tensão. Uma tensão necessária quando se existe com arte no meio de um rebanho que espera o berrante, talvez, brocha. Me desculpo pela piada de mau gosto. De muito mau gosto como gosta o rei do gado e seus correligionários cegos. Me desculpo.

Em

Em arte pode-se encontrar existência. É preciso estar atento e permeável. Na permeabilidade há trocas, truques, se criam traços, se deixam rastros, tatos, contatos.

Entre

Entre os escombros de tanta miséria – física, moral, psíquica, ética, estética– a arte, ainda, existe.

Para

Para o futuro, diremos arte, arte, arte, lida como quem late. Arte, arte, arte.

Perante

As existências podem se multiplicar perante a arte. Urge alimentar a população com comida, com paz. Urge desarmar a população, urge o fim das milícias. Urge o fim da guerra na Ucrânia, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, no Ceará, na Amazônia. Na guerra, no medo, as existências se endurecem. E agora? Arte? Arte, arte, arte, lida como quem late. Arte, arte, arte.

Por

Pela arte sopram rios capazes de alertar sensibilidades e raciocínios, por vezes conexos, por vezes livres, se liberdade existe.

Sem

Sem arte as latências se entumecem e as existências tendem ao colapso. O colapso está a nossa porta. Arte, arte, arte, lida como quem late.

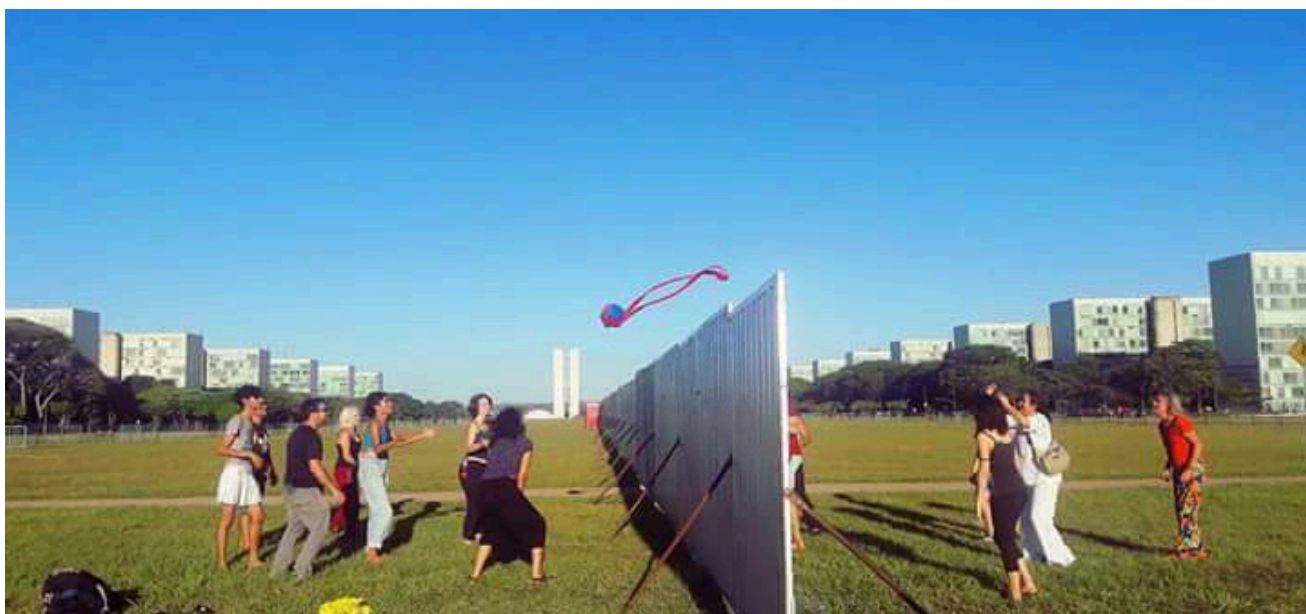
Sobre

Sobre existências com artes à míngua, não queremos falar. Ao redor, elas pululam por desleixo de poderes corruptos e nada irrequietos. É sobre inquietações que a arte semeia, aduba, rega e reage.

Trás

Para trás, nunca mais.

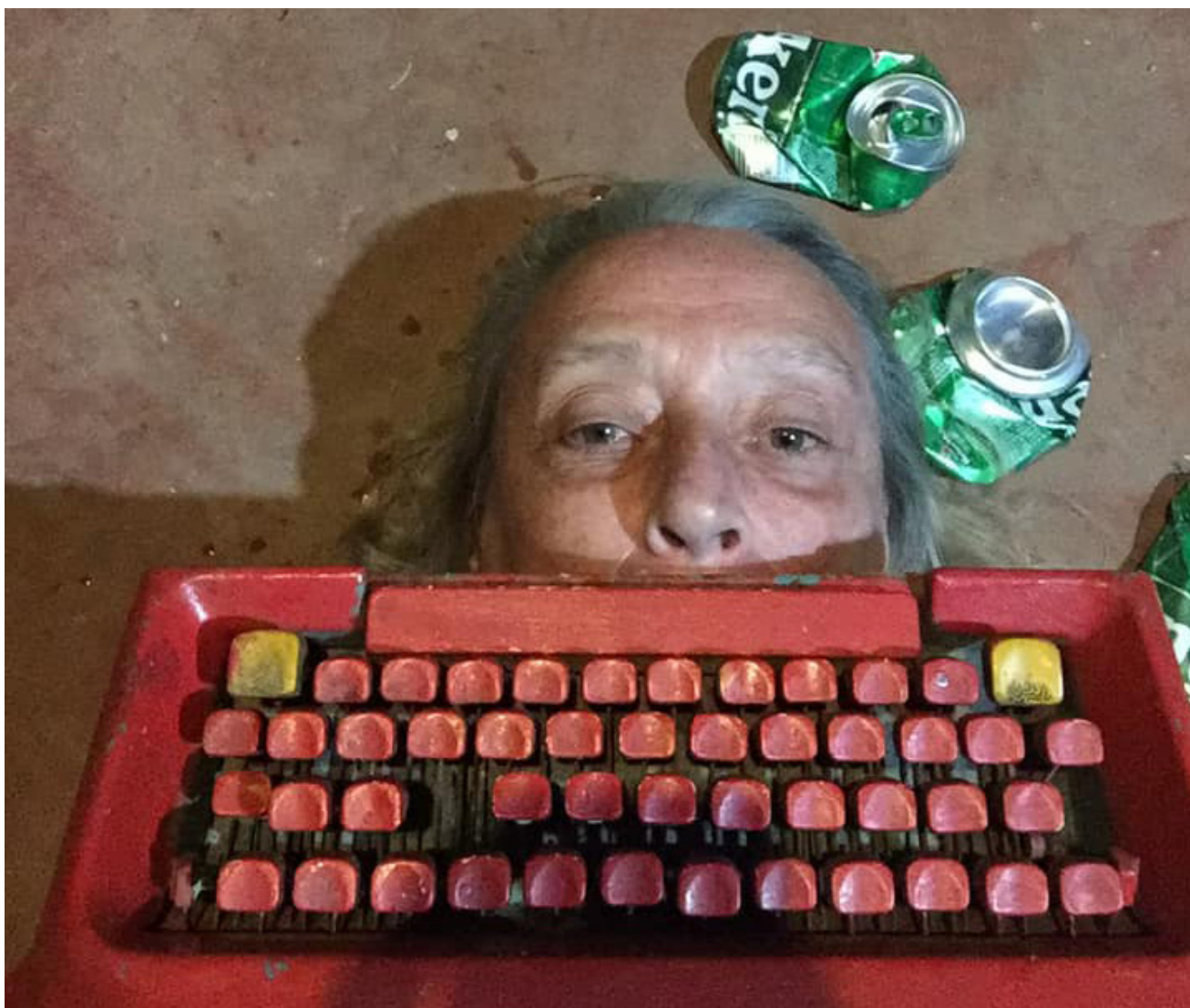
Rio de Janeiro, 21 de setembro de 2022



**Jogo de vôlei.** Grupo Corpos Informáticos, 2016.

“O Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos formou-se na Universidade de Brasília em 1992 com professores e estudantes em Artes Cênicas, Artes Visuais, Audiovisual. Participaram do Grupo, por vezes, músicos, outras, dançarinos. Fomos muitos, somos sempre cerca de 10 artistas.” (MEDEIROS, 2017, p.33)

- |                         |                           |                     |
|-------------------------|---------------------------|---------------------|
| Bia Medeiros            | Maicyra Leão              | Felipe Olalquiaga   |
| Carla Rocha             | Bianca Tinoco             | Aníbal Alexandre    |
| Milton Marques          | Diego Azambuja            | Víctor Valentim     |
| Cleomar Rocha           | Larissa Ferreira          | Claudia Loch        |
| Edvar Ribeiro           | Joana Limongi             | Juliana Rodrigues   |
| Felipe Kannenberg       | Jackson Marinho           | Alexandra Martins   |
| Frederyck Sidou         | Márcio H. Mota            | Luara Learth        |
| Maria Luiza Taunay      | Fernando Aquino           | ZMário              |
| Mônica Mello            | Maria Eugênia Matricardi  | e Corpos expandidos |
| Rodrigo Oliveira        | Alla soub                 |                     |
| Robiara Becker          | Matheus de Carvalho Costa |                     |
| Cila Mac Dowell         | Gustavo Silvamaral        |                     |
| Maria Luiza Fragoso     | Matheus Opa               |                     |
| Alice Stefânia          | Camila Soato              |                     |
| Rita Gusmão             | Natasha de Albuquerque    |                     |
| Márcio Menezes          | Thiago Marques            |                     |
| Rômulo Augusto          | Rômulo Barros             |                     |
| Cyntia Carla            | João Stoppa               |                     |
| Alexandre Cerqueira     | Luisa Gunther             |                     |
| Viviane Gomes de Barros | Priscila Real             |                     |
| Kacau Rodrigues         | Ayla Gresta               |                     |
| Marta Mencarini         | Debora Carcete            |                     |



Gostaríamos de agradecer a Igor Medeiros, Marta Mencarini e Corpos Informáticos pela ajuda imprescindível na organização e seleção desta homenagem.

Foram empreendidos todos os esforços para creditar os autores das imagens. Em alguns casos, não foi possível identificar os respectivos nomes dos fotógrafos. Por se tratarem de registros importantes e por ser uma homenagem à artista Bia Medeiros, decidimos mantê-las na publicação. Caso algum autor identifique uma imagem de sua autoria, pedimos que entre em contato pelo e-mail da revista para que, na próxima edição, possamos publicar o nome e os devidos créditos.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Existências a/ante/até/após... arte. Grafias de Bia Medeiros. Rio de Janeiro, set. 2022. Disponível em: <http://grafiasdebiamedeiros.blogspot.com/2022/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 33–47, 2017. DOI: 10.36025/arj.v4i1.11808. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/11808>. Acesso em: 16 dez. 2024.



